A Tradição em movimento: a contribuição do Papa Francisco para o desafio do fundamentalismo religioso contemporâneo

Gabriel Nogueira Linhares Marquim[1]

Resumo

Este trabalho tem como objetivo apresentar o pensamento do papa Francisco a respeito do fundamentalismo religioso. Levando em consideração a teoria da secularização preconizada por Peter Berger, que evidencia a dicotomização entre tradição e liberdade no fenômeno religioso contemporâneo, demonstraremos que Francisco propõe um pensamento que ultrapassa essa polarização, através da sua visão de "tradição dinâmica". A partir de autores que analisam o magistério do pontífice como Fares (2020) e das próprias intervenções de Bergoglio a esse respeito, demonstraremos que ele indica a fé como diálogo permanente entre a tradição e as contingências da realidade atual.

Palavras-chave: Papa Francisco. Fundamentalismo. Secularização. Pluralismo.

Introdução

Logo nos primeiros meses de pontificado, Francisco deu-se conta de que a sua relação com os grupos mais tradicionalistas não seria fácil. De fato, algumas das colocações inaugurais do pontífice argentino escandalizaram os mais resistentes a um discurso *aggiornado*[2]. Foi o caso, por exemplo, de sua resposta a uma jornalista brasileira que lhe perguntou sobre a relação da Igreja Católica com os homossexuais, ao que o papa respondeu: "se uma pessoa é gay e procura Deus e tem boa vontade, quem sou eu para julgá-la? O catecismo explica isso muito bem. Diz que eles não devem ser discriminados" (FRANCISCO, 2020).

Apesar de a declaração estar em plena sintonia com o magistério católico, uma avalanche de distintas repercussões tomou conta dos noticiários, entre

[1] Doutorando em Ciências da Religião (Unicap) e mestre em Comunicação (UFPE), pesquisa atualmente o pensamento do papa Francisco a respeito da relação entre tradição e liberdade. É jornalista e professor universitário. E-mail: *gmarquim@gmail.com*

[2] *Aggiornamento* é uma palavra italiana que significa "atualização", bastante utilizada durante o Concílio Vaticano II para denotar a busca por uma atualização no discurso da Igreja Católica frente ao mundo moderno.

apoiadores e desconfiados. Mas, também, começou a despontar um grupo que poderíamos chamar de "apocalípticos" que, se não criticam abertamente Francisco, fazem-no de maneira velada ou "alertam" sobre seus posicionamentos ambíguos.

Desde então, Jorge Mario Bergoglio se relaciona de maneira truncada (e às vezes conflituosa) com aqueles que se dizem mais apegados à verdade da doutrina. Usar aqui o nome de batismo do papa não é um mero recurso linguístico. Ao contrário, é explicitar que Francisco é repercussão direta de Bergoglio, e que não haveria o papa sem, antes, o jesuíta, o arcebispo de Buenos Aires, o cardeal.

De fato, a história de Bergoglio, até tornar-se papa, é um emaranhado de complexas realidades religiosas e políticas. Foi formado como sacerdote em um período marcado pelas polarizações entre apoiadores e detratores do Concílio Vaticano II. Foi provincial dos jesuítas na Argentina no momento em que aquele país sofria a dura e cruel ditadura militar, que escancarou uma Igreja também divida entre, mais uma vez, simpatizantes e combatentes. Tudo isso forjou uma personalidade também complexa, longe de simplismos e estereótipos.

> Os equívocos deram origem a asserções contraditórias: um bispo das classes mais desfavorecidas bem relacionado com a ditadura militar? Um jesuíta retrógrado que se tornara um bispo progressista? Havia quem defendesse que ele correspondia a ambas, e que se "convertera" durante o seu exílio em Córdoba, no início da década de 1990 (IVEREIGH, 2015, p. 15).

Em sua história, Jorge Bergoglio experimentou as contradições de permanecer fiel àquilo em que acredita. Daí porque, quase que corrigindo como abrimos este artigo, não se pode falar propriamente em surpresa quando se evidencia a relação tensa entre Francisco e os tradicionalistas. Na verdade, esta é mais uma faceta de um personagem poliédrico, como ele mesmo interpreta a realidade, explicando que "o modelo é o poliedro, que reflete a confluência de todas as partes que nele mantêm a sua originalidade" (FRANCISCO, 2019, p. 131). O papa parece ser original justamente porque procura equilibrar tradição e diálogo.

Nas próximas páginas, apresentaremos o pensamento de Francisco sobre o fundamentalismo que, hoje, ao lado do relativismo, marcam o fenômeno religioso moderno. Utilizaremos, para isso, os conceitos de Peter Berger (2017, 2018) a respeito do tema, tão complexo quanto delicado, mas também necessário para

entender não somente a religião, mas o próprio cenário do mundo atual, em suas distintas vertentes.

1 O fundamentalismo na perspectiva de Peter Berger

Reformulando a sua própria tese sobre a secularização, Peter Berger (2018) explica que ela (a secularização) é gêmea do pluralismo. Ao contrário do que havia anteriormente proposto, e com ele uma plêiade de autores, Berger evidencia que a secularização não é um fenômeno homogêneo em toda parte, acarretando, necessariamente, na "morte de Deus". Na verdade, observando evidências empíricas, pode-se dizer que o mundo contemporâneo assiste, em determinados lugares, a uma efervescência de deuses.

O que acontece, segundo o sociólogo americano, é o despontar de uma nova maneira de experiência religiosa, em que o indivíduo não se vê mais necessariamente filiado a uma determinada tradição e, ainda que esteja filiado, não necessariamente se sente impelido ou obrigado a concordar com todos os preceitos da sua denominação. No fundo, a relativização continua valendo como um dos principais pressupostos modernos, porém, isso não corresponde diretamente em uma exclusão espiritual.

Despontam, na verdade, múltiplas e distintas maneiras de expressão religiosa, em que cada um vai adequando ao seu jeito as diferentes ofertas, como uma espécie de *self-service* da fé. O sobrenatural não é mais uma herança, mas uma escolha de cada indivíduo, que vai sendo permanentemente metamorfoseada de acordo com as contingências que aparecem na sua vida.

Esse pluralismo dará origem a duas maneiras distintas de vivenciar a fé: o relativismo e o fundamentalismo. O primeiro é a atitude de quem, diante da multiplicidade, relativiza as verdades fundamentais do seu credo, procurando entendê-las como "mais uma", sem a pretensão de afirmar-se como única. Essa posição é fruto, sobretudo, da própria lógica moderna, que racionaliza e subjetiviza as explicações da ordem social.

A resposta ao relativismo é justamente o fundamentalismo que, segundo Berger (2017, p. 34) é "um esforço para restaurar a certeza ameaçada". É preciso

dizer, de antemão, que também ideias seculares podem se comportar dessa maneira, mas no caso do fundamentalismo religioso, o movimento fundamental é justamente de retorno, de retrocesso ao que se entende como verdade e, ao mesmo tempo, de combate a tudo aquilo que possa ameaçar a segurança de um passado necessariamente bom, definido e desejado como definitivo.

Os tradicionalistas, dessa maneira, não compreendem a possibilidade de mutabilidade. Tudo deve ser estanque, sem permissão para reflexões que possam, ainda que minimamente, minar a certeza que se tem sobre algo. Não é possível tolerar exceções, ver cada coisa no seu contexto, mas simplesmente manter-se no "de sempre", ainda que esse sempre seja geralmente pinçado dentro do momento histórico que o grupo compreende e escolhe como "verdadeiro".

Implícita em todo esse comportamento está a vulnerabilidade, segundo Berger (2017). Para ele, quanto maior for a insegurança sobre as próprias crenças, maior será o grau de violência com que se combate o relativismo. O fundamentalista tem tanto receio de ver o chão de suas certezas abalado que movimenta-se com agressividade contra qualquer um que o ameace com o "terremoto" da interrogação.

De fato, o pluralismo, para alguns, será uma experiência dolorosa: "privados da certeza sobre os significados e os valores básicos, eles devem construir uma cosmovisão com os pedaços e as peças disponíveis na sua situação particular" (BERGER, 2017, p. 83). Tudo para que não se sintam inseguros em um mundo de inseguranças permanentes.

É importante destacar que o fundamentalismo não é a principal marca na vida religiosa da maior parte das pessoas. Ao contrário, nos seus cotidianos, os indivíduos tendem a procurar uma maneira de conviver com familiares e amigos que pensam diferente uns dos outros. Nesse caso, a pergunta é: se isso é verdade, por que o fundamentalismo precisa ser pesquisado profundamente?

Porque, nos últimos anos, e até nas últimas décadas, o fundamentalismo tornou-se um movimento cada vez mais articulado (e bem articulado), com graves potenciais belicosos, haja vista, por exemplo, os ataques ao *World Trade Center*, em Nova Iorque, em 2001. De maneira emblemática, podemos dizer que a inauguração do século XXI foi feita justamente por um ato fundamentalista. A partir daí, os

pesquisadores de religião debruçam-se, com cada vez mais afinco, sobre grupos que, em diferentes religiões, comportam-se de maneira reacionária.

Também entre os cristãos isso acontece, e o papa Francisco tem sido constante alvo de suas críticas e movimentações, ora veladas, ora escancaradas; demonstrando que, realmente, Peter Berger (2017) estava correto: o pluralismo não sepultou a fé, mas polarizou-a, radicalizando-a.

2 O pensamento do papa Francisco

A trajetória pessoal e pastoral de Francisco tem sido, desde os tempos como superior jesuíta, uma busca pelo equilíbrio, sem resvalar necessariamente para os polos. Isso, claro, nem sempre foi bem interpretado, como dissemos anteriormente. Justamente por entender que a realidade é poliédrica, o pensamento de Bergoglio procura ultrapassar as polarizações, indo além de uma simples síntese (FARES, 2020).

É preciso explicitar isso porque, a bem da verdade, Francisco procura permanentemente questionar tanto o relativismo quanto o fundamentalismo. Porém, sendo este artigo uma exposição da sua análise sobre o segundo fenômeno, deter-nos-emos em um único aspecto, demonstrando no final aquilo que ele propõe como caminho possível a esse desafio.

Em entrevista ao sociólogo Dominique Wolton, Francisco (2018, p. 213) utiliza uma imagem para explicar aquilo que ele entende como fundamentalismo: "a ideologia tradicionalista tem uma fé assim (ele faz o gesto dos antolhos): a bênção deve ser dada assim, os dedos durante a missa devem estar assim, com luvas, como se fazia antes". É interessante perceber que o tradicionalismo, para Bergoglio, é o uso de antolhos, peça de couro colocada ao lado dos olhos de certos animais que reduzem a visão lateral e lhes impedem de ver ao redor, caminhando em uma única direção.

Fica claro, portanto, que, para ele, o fundamentalismo é a incapacidade de olhar para os lados, de avaliar outras possibilidades. E, ainda mais, trata-se do apego a normas e comportamentos que, em si, não são fundamentais dentro da doutrina. É importante destacar: para Francisco, não há a possibilidade de mudar

aquilo que é imutável, no sentido da Tradição como os católicos a entendem, mas de avaliar melhores maneiras de evidenciar o que é imutável.

O pontífice se utiliza de uma outra imagem justamente para evidenciar aquilo que entende por tradição: "a tradição não é uma conta bancária. A tradição é a doutrina em marcha, a doutrina que segue adiante (...) os critérios da tradição não mudam, o essencial não muda, mas ela cresce, ela evolui." (FRANCISCO, 2018, p. 202). Ou seja, a doutrina em si não muda, porém, ela, seguindo adiante, torna-se melhor compreendida.

Nesse sentido, para que isso seja possível, é preciso desenvolver uma hermenêutica da continuidade, que Francisco diz tomar emprestada de Bento XVI. Essa hermenêutica se realiza no diálogo entre a tradição e as contingências da realidade.

> O diálogo faz crescer. Se não dialogamos, não podemos crescer, permanecemos fechados, pequenos, anões. Não posso me contentar em andar com antolhos, preciso enxergar e dialogar. Dialogando e ouvindo outra opinião, posso, como no caso da pena de morte, da tortura, da escravidão, mudar meu ponto de vista. A doutrina cresceu com a compreensão. Isso é a base da tradição (FRANCISCO, 2018, p. 202).

Procurando ultrapassar o fundamentalismo, o papa propõe, a partir de Vincent de Lérins, o que ele chama de "tradição dinâmica". Ou seja, a manutenção da tradição naquilo que é imutável, porém, fazendo-a dialogar com o seu entorno e desafios, possibilitando novas formas de explicitar a imutabilidade, e lançando mão de novas linguagens que respondam justamente às novas circunstâncias.

Para demonstrar que isso não significa confusão doutrinária, o pontífice procura explicar como compreende a questão do casamento entre pessoas do mesmo sexo:

> O que pensar do casamento de pessoas do mesmo sexo? "Casamento" é uma palavra histórica. Desde sempre na humanidade, e não só na Igreja, é um homem e uma mulher. Não podemos mudar isso assim. É a natureza das coisas. Elas são assim. Chamemos isso então de "uniões civis". Não brinquemos com as verdades (FRANCISCO, 2018, p. 205).

Através dessa declaração, fica evidente como Francisco compreende a

relação entre tradição e liberdade. Como sacramento, a doutrina é imutável: o matrimônio só pode ser contraído entre um homem e uma mulher. Em termos civis, legais, a situação é diferente, porque se trata de uma questão laica. Não há nenhuma contradição: a Igreja Católica continua apresentando o que é inquestionável para ela, mas reconhece que, para os não-católicos, os direitos civis devem estar assegurados se eles pensam diferentemente.

Considerações finais

Apresentamos, neste artigo, a complexa relação que hoje se apresenta no fenômeno religioso. Se é verdade que a secularização permanece uma realidade social, é também perceptível que o pluralismo é seu "irmão gêmeo". De fato, ao contrário do que se pensava, as pessoas não excluíram Deus de suas vidas, mas subjetivaram e individualizaram as suas práticas espirituais, desvencilhando-se de amarras pré-estabelecidas.

A consequência desse pluralismo se percebe, em nosso tempo, em dois movimentos: o relativismo e o fundamentalismo. Para este trabalho, debruçamo-nos sobre o segundo, explicando que ele é justamente uma resposta, geralmente violenta (pelo menos simbolicamente), ao primeiro.

Vimos que o papa Francisco compreende o fundamentalismo como a incapacidade de olhar para os lados e dialogar com as contingências da realidade. Para ele, o que está em jogo é o apego desordenado daquilo que não é imutável, confundindo tradição com costume. Não se trata, obviamente, de relativizar a doutrina, mas de relacioná-la com os desafios presentes em uma sociedade em ebulição. Na prática, ainda quando cardeal, Bergoglio explicou a necessidade de encontrar um equilíbrio entre tradição e liberdade.

> Zygmunt Bauman, o famoso sociólogo europeu que cunhou o conceito "modernidade líquida", descreve com precisão a realidade em que estamos vivendo. Fala da falta de certezas e compromissos no mundo. E a ortodoxia preenche os vazios gerados pelas incertezas. A verdade é que se vai totalmente para o outro extremo. Falando da religião do futuro, acredito que é necessário encontrar o caminho do meio (BERGOGLIO e SKORKA, 2013, p. 182).

É através desse caminho, que reconhece os conflitos, mas que procura

ultrapassá-los, que Francisco procura se posicionar, evidenciando que o relativismo e o fundamentalismo representam um risco não somente para a experiência religiosa, mas para a própria construção da sociedade, já que, no primeiro, não se encontram valores permanentes que possam guiar a coletividade e, no segundo, o outro é sempre visto como um risco a ser suplantado.

No presente, precisa-se, para Francisco, que as religiões encontrem as suas verdades fundamentais e imutáveis, que as valorizem e as proponham, mas sempre com a atenção de fazê-lo em uma atitude dialógica, nunca impondo, percebendo que o projeto de bem comum só se realiza quando os diferentes dialogam.

Referências

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BERGER, Peter L. **Rumor de anjos**: a sociedade moderna e a redescoberta do sobrenatural. Trad. Waldemar Boff, Jaime Clasen. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

BERGOGLIO, Jorge; SKORKA, Abraham. **Sobre o céu e a terra**. Trad. Samdra Martha Dolinsky. São Paulo: Paralela, 2013.

FARES, Diego. **Il cuore di "Querida Amazonia"**: traboccare mentre si è in cammino. La Civiltà Cattolica, Roma, v. 4074, p. 532-546, 21 mar/4 apr, 2020.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium**. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Paulus, 2019.

FRANCISCO. **O futuro da fé**: entrevistas com o sociólogo Dominique Wolton. Trad. Pedro Sette-Câmara. Rio de Janeiro: Petra, 2018.

IVEREIGH, Austen. **Francisco, o grande reformador**: os caminhos de um papa radical. Trad. Maria da Fé Peres. Braga, Portugal: Vogais, 2015.

REVISTA VEJA. **"Se um gay busca Deus, quem sou eu para julgar", diz papa.** Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/se-um-gay-busca-deus-quem-sou-eu-para-julgar-diz-papa/>. Acesso em: 22 de outubro de 2020.